

Produção de Subjetividade e Identidade Cultural na Relação Sujeito-Orixá

Pablo Pinto Carvalho¹
Miriam Cristiane Alves²
Nedio Seminotti³

Introdução

A identidade na pós-modernidade não possui uma estrutura única e estável, ela se fragmenta em múltiplas identidades, muitas vezes contraditórias e circunstanciais, formando o “jogo das identidades” (HALL, 2006). Esse jogo possibilita ao sujeito compreender e agir no mundo, subjetivando-se em relação aos espaços que ocupa, podendo produzir novas identidades. A subjetividade é compreendida, no presente estudo, como um vir-a-ser produzido na interdependência entre os mundos físico e espiritual.

No campo da psicologia, as discussões em torno dos processos de subjetividade e de identidade apresentam importante produção acadêmica, porém, incipientes quando relacionados às religiões afro-brasileiras.

Objetivo

Compreender os processos de produção de subjetividade e de uma identidade cultural afro-brasileira na relação sujeito-orixá em uma comunidade tradicional de terreiro.



Método

A pesquisa está sendo realizada a partir de princípios teórico-metodológicos do pensamento sistêmico complexo e da etnografia.

Para coleta/produção de dados e construção do corpus de análise, foram realizadas observação participante, anotações em diário de campo, entrevistas abertas e um grupo de discussão. Foram feitas três entrevistas com o Babalorixá e uma com seis fiéis, num total de nove entrevistas. O grupo de discussão teve nove participantes em três encontros, com três horas de duração cada, em ocasião de um retiro espiritual do terreiro. Dos nove participantes do grupo de discussão, dois realizaram as entrevistas. As discussões do grupo partiram de alguns temas produzidos nas entrevistas e do seguinte questionamento: “como você expressa a sua relação com seu orixá?”.

A análise dos depoimentos das entrevistas e do grupo de discussão, articulados aos dados produzidos na observação participante, possibilitou a construção de dois organizadores temáticos: 1) produção de conhecimento e relação sujeito-orixá, 2) origem do sofrimento psíquico e identidade cultural. Esses organizadores foram construídos de modo interrelacionado, possibilitando o processo interpretativo a partir do enfoque sistêmico complexo de Morin (2007) que propõe um diálogo entre material empírico, participantes, pesquisador e conhecimento teórico.

O diálogo constante entre pesquisadores e participantes foi imprescindível para a análise/compreensão dos dados. Buscou-se dar visibilidade acadêmica ao conhecimento tradicional, sem descaracterizá-lo e descontextualizá-lo.

Resultados Parciais

1) Produção de conhecimento e relação sujeito-orixá

Quando o sujeito se apropria de sua orixalidade, através da consulta ao oráculo, ou seja, quando toma conhecimento do seu orixá da cabeça, do corpo e da passagem e busca conhecer os mitos desses orixás, passa a conhecer a si, ao mesmo tempo em que constrói uma identidade cultural afro-brasileira. As relações coletivas e as vivências no terreiro influenciam no modo como o sujeito olha para si, para os outros e para a própria comunidade. Na medida em que vai conhecendo a mitologia de seus orixás, ele começa a produzir em sua vida formas de agir que remetem ao tempo do mito e ao seu momento atual, simultaneamente.

“Eu tenho na minha casa um cantinho que se tornou sagrado (...). Eu tenho ali um ala amarelo, eu limpo, eu enfeito, perfume, coloco flores. Crianças que vem a minha casa vão ali e rezam. (...) É o meu sagrado, o meu sagrado dentro de casa (...). Lá existe a minha energia, do meu interior com o meu sagrado. O meu sagrado está comigo.” (Participante D, grupo de discussão 2008).

2) Origem do sofrimento psíquico e identidade cultural

No terreiro há dois modos de compreender a origem do sofrimento psíquico. No primeiro compreende-se que espíritos, chamados Eguns, foram mal transportados para o mundo espiritual no momento da morte, permanecendo no mundo físico, causando um desequilíbrio entre os sujeitos e o cosmos. Tal desequilíbrio manifesta-se através de distúrbios e sofrimentos.

O segundo está relacionado à aniquilação da identidade cultural dos africanos e de seus descendentes durante e após a escravização. Aniquilação que passou a provocar uma nostalgia mortal, o chamado banzo, que tinha como conseqüências a tristeza profunda e a apatia (LOPES, 2003). Sofrimento psíquico que ainda hoje produz efeitos negativos na saúde da população negra brasileira.

“Primeira vez que a professora de religião perguntou para mim qual a minha religião, eu disse: Eu sou batuqueiro! (...) Mandaram um bilhete para mim mãe ir ao colégio. Minha mãe me chamou: meu filho tu não podes dizer que tu és batuqueiro, a escola é católica. E eu disse: mas por que mãe? Se eu sou batuqueiro, mas por quê? Tu não podes dizer. (Participante H, grupo de discussão 2008)

Considerações Finais

O terreiro atribui às relações coletivas e interpessoais um lugar de destaque para a produção de saúde e para o resgate de uma identidade cultural afro-brasileira. Ou seja, a produção de saúde está intimamente ligada ao processo de construção da identidade cultural de seus fiéis, por meio de sua inserção na estrutura mítica dinâmica que constitui esta visão de mundo.

Quanto à saúde da população negra, põem-se em evidência o sofrimento resultante do desenraizamento das culturas africana e a necessidade do resgate da história coletiva e da identidade cultural, não prioritariamente da história individual, para conquistar a saúde em seu sentido ampliado.

Referências

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
LOPES, N. Novo Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
MORIN, E. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

¹ Graduando em Psicologia pela PUCRS e Bolsista PIBIC/CNPq (pablitocarvalho@gmail.com)

² Doutoranda em Psicologia Social pela PUCRS (oba.olorioba@gmail.com)

³ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia PUCRS (nedio.seminotti@pucrs.br)

Órgãos Financiadores: Ministério da Saúde, Ministério da Ciência e Tecnologia, CNPq e PIBIC/CNPq

www.pucrs.br/psico/pos/pequenosgrupos